15.º Ano — Sabado, 17 de Junho de 1922 — N.º 730

O DEMOCRATA

—SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO—

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tipografia Social de Procopio de Oliveira, R. Camões—ILHAVO

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
—AVEIRO—

Que temos?

Voltaram os boatos duma nova revolução, desta vez preparada no norte e com o fim de derrubar o regimen. Quer dizer: os monarquicos conspiram. Mas conspiram, de facto? A nós custa-nos a acreditar em semelhante coisa tanto mais que as lições do passado deviam te-los convencido da nénhuma força que possuem para assegurar o exito duma empreza que se tem visto ser impossivel realisar.

Não. A monarquia findou em 1910 e afigura-se-nos que não tendo sido restaurada durante o chamado sidonismo jámais encontrará melhor oportunidade para se instalar de novo em Portugal consoante os desejos de alguns partidarios seus.

Pena é que a administração republicana se tenha afastado tanto das normas que os bons principios indicam, dando logar a censuras e aos mais veementes protestos daqueles que, como nós, não admitem imoralidades, nem esbanjamentos, nem assaltos aos cofres publicos, actos abominaveis que se não perdoam por atentatorios dos proprios brios da nação. Todavia, isso está longe de ser o suficiente para voltarmos atraz.

A monarquia deu as suas provas. E foram elas tão eloquentes, tão denunciadoras da sua falta de escrupulos, que a sentença de desterro perpetuo subsistirá, mesmo porque não ha indicação alguma que obrigue ao contrario.

O DEMOCRATA é o jornal republicano de maior tiragem e circulação que se publica na séde do distrito de Aveiro.

Em honra de Camões

As festas promovidas pelos estudantes do liceu em honra do cantor maximo das nossas glorias reduziram-se este ano a uma sessão solene na biblioteca, presidida pelo ilustre reitor, a um espectaculo no teatro do qual apenas se aproveitou a ultima parte e á exposição dos trabalhos dos alunos demonstrativos do aproveitamento dos mesmos.

Aveiro associou-se á modesta comemoração, como é seu costume.

Para evitar demoras na entrega do jornal, a administração de **O Democrata** lembra aos seus assinantes a conveniencia de a avisarem sempre que mudem de residencia.

O ACTOR VERDIAL

Morreu no Porto esta figura de destaque no movimento de 31 de Janeiro, em que tomou parte activa, sendo escolhido pelas condições da sua voz, para ler, como de facto leu, da sacada do edificio da camara municipal, a proclamação dos revoltosos, que rematou com um vibrante—*Viva a Republica!*

Não tendo vingado essa tentativa em que tantos depositaram as maiores esperanças, Miguel Verdial foi preso, julgado em Leixões e atirado para o degredo, sofrendo inclemencias sem conta, até que, tocado pela aza negra da morte, desaparece da scena da vida, ele que já tinha caído no esquecimento, no abandono, sem, contudo, deixar de ser um bom e indefectivel republicano.

Curvamo-nos deante do seu cadaver.

Ao Brazil pelo ar

Os nossos aviadores chegaram á cidade da Vitoria o que equivale a dizer que estão ás portas do Rio de Janeiro, *terminus* da viagem.

Hoje, ámanhã, e Portugal será admirado por todo o mundo.

Serviço Farmaceutico

Encontra-se amanhã aberta a Farmacia Ala.

Quartel de bombeiros

Revestiu a maior solenidade a inauguração do quartel mandado construir pela câmara para a *Companhia Voluntaria de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes*, tendo-se realisado uma sessão em que fizeram uso da palavra varios oradores, entre eles o comandante da companhia, que fez a historia desta e consignou os valiosos serviços de protecção e carinho dispensados pelo municipio á frente do qual se encontra o prestimoso aveirense sr. dr. Lourenço Peixinho, de quem traça o perfil e cujo retrato fôra colocado na sala, como testemunho de reconhecimento, entre as palmas da assistencia ao ser descerrado.

A' festa assistiu a antiga Companhia dos Bombeiros Voluntarios e a banda de infanteria 24, contando-se por centenas o numero de pessoas que durante todo o dia de domingo visitaram o novo edificio.

Cartas dum peregrino

XII

NOTAS DO MEU DIARIO

DAVOS PLATZ, 2-4-1922.

Recordações. A odisseia de uma alma. O que sentiria e diria qualquer dos portuguêses que me lêem. Porque eu não sou uma exceção: eu penso e sinto como os outros; simplesmente me dou, por vezes, ao trabalho de pensar e do tormento de sentir, e de registar, escrever e publicar o que sinto e o que penso.

E' uma questão de treino, de forma, de estilo de habito ou de vicio.

20—XI—21.

Primeiro domingo em Davos.

Escrevi um postal á minha filha. Durante a guerra vi muitos postais assim, escritos pelos nossos soldados com a mesma ternura e a mesma saudade.

Quando ha um filho o seu pensamento resume para nós toda a beleza do mundo e todo o interesse da vida.

Um filho encoraja-nos e infantilisa-nos.

E' a todo o instante esperança e angustia, alegria e dôr, animo e desalento, orgulho e sobresalto.

Antigamente ouvia dizer que os filhos deviam tudo aos pais.

Não é bem assim. Eu penso que os filhos só devem aos pais o respeito, a assistencia, o carinho e o amor filial

Porêm os pais devem aos filhos todos os sacrificios, tão dificil, pesada e tormentosa é a vida e tão grande a responsabilidade daqueles que a geram, lançando neste vale de lagrimas um ser cujo destino é um misterio...

A' hora a que escrevi á minha filha, Eneida devia andar a brincar de róda da casa da aldeia, a jogar a macaca, a fazer uma procissão, a batisar a boneca entre a algazarra da pequenada que aos domingos lá se junta.

Estava o sol a tombar e a desmaiar, um sol esbranquiçado pela nève, coado por os montes, tão diferente daquele nosso lindo Portugal que eu tantas vezes via morrer no poente de purpura e oiro, avermelhando as nuvens e ensanguentando o mar por entre a Barra e a Costa Nova onde as ondas alvejam, quebrando e rumorando...

*
* *

Anoiteceu. Não ouvi as trindades nas nossas torres e estes sineiros de Davos não sabem o que é um toque de trindades nem um repenique á portuguêsa.

Pôem-se ao desafio os da egreja catolica com os da egreja protestante e massa-nos todos os dias com uns dobres que parecem sempre sinais de defuntos.

Na arte de badalo já percebi que os suissos estão muito abaixo de nós.

Um sacristão de qualquer aldeia portuguêsa a contas com estes sinos fazia com que Davos em pezo bailasse de alegria.

O Antonio *Tapa lá isso*, que Deus haja, que era sacristão na minha terra, dava silabada brava no latim e tremia como varas verdes quando o velho vigario Amaral saltava da barra e lhe franzia a sobrancelha, se fosse vivo e pudesse vir aqui tratar a sua tuberculose, ah! que grandes lições daria a estes sineiros suissos!

E o meu visinho, José Carraca? Esse, então, que é um artista! Na mão dele os sinos não ficam a dever nada aos da Beira ou aos do minho: parece que falam, parece que riem e que cantam, parece que rezam, que choram e que soluçam!...

São assim todos os sinos de Portugal: teem alma e voz, coração e sentimento!

5—3.º—1922

Tenho andado a vêr as louças artisticas que se vendem neste meio cosmopolita de Dávos-Platz. Porcelanas de Rosenthal, lindissimas, com figuras não tão minuciosas como as de Saxe, mas muito perfeitas, graciosas e bem modeladas.

As aplicações de ouro em relevo são boas e as côres bem distribuidas.

Eros e Psichès, colibris aos beijos, Salomés em requebres freneticos, Faunos tocando flauta ou raptando Ninfas, Amazonas galopando, figurinhas Luiz XV, Amores voando sobre libelulas, composições variadas, atraentes e felizes de execução e tecnica primorosas.

Vi tambem Saxes e Limoges e em Saxe Real grupos admiraveis, estonteantes.

Munich, Virua, Lagental, Neuchatel e as cariminas Copenhagen com os seus tons aguados, cinzentos, deliciosamente sobrios.

Entre as faianças, Dinamarca, Alemanha e Delf.

Só nada encontrei de louças portuguêsas.

Portugal sempre ignorado.

Quando na exposição de Rosenthal eu disse a algumas pessoas que a Vista Alegre produzia tão bem como uma esplendida chavena que era o espanto de todos pela riqueza e finura das suas aplicações de oiro, foi uma surpresa.

Pois é verdade: entre o melhor que aqui vi, exceção feita da escultura, as porcelanas finas da Vista-Alegre e as faianças surpreendentes de Aveiro, brilhariam.

Honra seja aos nossos artistas que, quasi sem escola, sem escola artistica no alto significado da expressão, produzem maravilhas.

Com uma orientação cuidada, umas viagens ao estrangeiro, e uma propaganda habil, os artistas de Aveiro e Vista-Alegre ganhavam renome no mundo—se Portugal quizesse tornar conhecido do mundo alguma coisa mais do que os seus defeitos.

20—4.º—1922

Graças, que logo de manhã recebo uma boa nova da minha Patria!

Um telegrama diz-me que os aviadores portuguêses chegaram aos Penedos de S. Paulo, já no Atlantico do sul e que è delirante o entusiasmo.

Graças, que uma consolação patriotica vèm mitigar as minhas dores; a minha alma de portuguès teve uma alegria.

Sacadura Cabral e Gago Coutinho, obrigado!

O meu coração cheio de angustias encontra no vosso peito um alivio que me sabe tão bem como á carabana perdida no deserto saberia o borbulhar duma fonte no meio da tempestade ardente de simoun!

25—4.º—1922

Fui ao Curverein perguntar se tinham noticias da travessia do Atlantico feita pelos aviadores portuguêses.

Não sabiam nada, não tinham ouvido falar em tal coisa, as agencias nada telegrafaram sobre o assunto, atè á data.

Senti-me profundamente indignado. O Curverein que tantas vezes afixou nos seus *placards* noticias alarmantes de revoluções, desordens e assaltos em Portugal não tinha sobre o feito glorioso de Sacadura e Gago Coutinho uma simples informação para nos dar!

Mas, afinal, de quem è a culpa? Do nosso desleixo, da nossa pequenez ou da nossa ingenuidade.

25—4—1922

O consulado portuguès nada sabe dos nossos aviadores. O Curverein continua silencioso. Estou farto de gastar dinheiro em jornais e os jornais nada dizem. O eterno silencio, a eterna má vontade dos jornais estrangeiros para com Portugal.

Estes estrangeiros fazem gala em nos ignorarem e em nos diminuirem. Por seu turno Portugal, que tem um renome internacional desgraçadissimo, reincide no erro de se não dotar de uma boa e moderna diplomacia e de não fazer uma propaganda continua dos seus merecimentos, deixando campear as ideias mais erreneas e deprimentes a seu respeito.

Este *raid*, soberbo de vontade, de sciencia e de valor, queria uma intensa preparação e uma grande propaganda jornalistica mundial. Coincidindo com a conferencia de Genova, podia ser bem aproveitado pela nossa diplomacia, se a nossa diplomacia não cultivasse a especialidade do silencio.

Mas nós, os portuguêses, sempre ingenuos em face dos estrangeiros, julgando que nestes tempos de egoismo alguem se importa com as nossas glorias!

Pois esta minha estada no estrangeiro fez-me perder, a este respeito, muita ilusão e muita ingenuidade.

Portugal precisa de fazer um grande esforço para se impôr ao mundo e impôr ao mundo o reconhecimento da sua existencia—porque o mundo teima em fingir que Portugal já não existe. O resto são ingenuas ilusões de poetas—que nós somos e não queremos deixar de ser.

Pode ser que a calamidade da nova guerra mundial que na Europa se considera inevitavel—nos chame, de vez, á realidade.

Alberto Souto

Notas mundanas

Partiu para Entre-os-Rios o altivo negociante, sr. Antonio da Maia.

— *Está atualmente em Vizeu o nosso assinante sr. José de Matos Caravela.*

— *Deu á luz uma creança do sexo masculino a esposa do sr. Manuel Duarte Maio, de Verdemilho.*

— *Tambem tiveram as suas délivrances as esposas dos srs. Antonio Osorio e Aldobrando Leitão.*

O congresso

A' hora do nosso jornal circular deve a oratoria democratica do distrito estar em efervescencia no palco do teatro, onde tambem se virão exibir alguns ministros com responsabilidades nos esbanjamentos dos dinheiros

"O Democrata,,

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Portugal, ano.......... 2$50
Semestre.......... 1$50
Colonias, ano.......... 5$00
Brazil e estrangeiro, ano.......... 10$00
Avulso.......... $05

Anuncios

Por linha (1.ª pagina).......... $40
» (2.ª pagina).......... $25
Comunicados.......... $20

Contagem pelo linometro corpo 8. Permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia dirigida a este jornal deve ser daqui em diante enviada para a Rua Miguel Bombarda, n.º 21.

da nação e que precisavam de ser corridos á batata se estas não tivessem atingido os preços fabulosos que conservam.

Vamos a ver o que resultará da magna assembleia.

Que é isto?

Foi encarregado duma nova sindicancia aos actos do director do Museu Regional de Aveiro, o sr. Silverio Pereira Junior, que fez constar ouviria todas as pessoas que lhe quizessem dar esclarecimentos ácerca da conduta de Marques Gomes e do guarda Firmino Costa.

Então que é isto? Não se conhece ainda o resultado dum inquerito que aí se arrastou indefenido tempo e já outro se ordena com enorme dispendio de dinheiro além da vergonha que representa para a Republica a descarada protecção com que os poderes publicos pretendem encobrir as imoralidades do referido funcionario?

Em que país vivemos nós? Que se pretende apurar com esta sindicancia mais do que a anterior apurou?

Marques Gomes não póde voltar ao Museu, sr. Ministro da Instrução! Convençase e convençam-se os protectores desse homem cuja vida de miserias se patenteia por forma a impedi-lo de transpor os ombraes dessa porta.

A menos que se pretenda escarnecer duma cidade inteira, atirando-lhe com os dejectos imundos aglomerados em torno do regimen que certas creaturas ateimam em compr meter.

Estarreja em festa

Hoje e ámanhã realisam-se imponentes festejos na populosa vila de Estarreja onde será inaugurado um obelisco comemorativo dos que perderam a vida na grande guerra, filhos do concelho.

Vem tomar parte neles a banda do comando geral da Guarda Republicana, efectuando-se alguns comboios especiaes que facilitem a concorrencia de fóra.

O Democrata vende-se em Aveiro no *Quiosque Raposo*, da Praça Marquês de Pombal.

POR OLIVEIRA DE AZEMEIS

DE LANTERNA EM FÓCO

II

Dr. Anibal Cardoso de Freitas e o vinho

O prometido é devido lá o afirma um dos artigos do velho, grandioso e volumoso codigo da *Sabedoria das Nações*. E não querendo eu cair sob a alçada dessa lei inexoravel, vou cumprir com o que prometi no ultimo numero deste velho baluarte da Republica, que jamais deixou de pugnar pelos principios republicanos ainda que de longe ou de perto, fingida ou seriamente lhe prometessem a adesão dum grande armazenista de velhos vicios politicos e de grandes riquezas eleitoraes e que tem sempre as portas escancaradas para todos os republicanos que de ha muito teem vindo lutando desinteressadamente pela defesa da Republica, para quem olham com o verdadeiro respeito e amor filial, vendo nela somente o bem da Patria e o guia para a felicidade suprema desta pobre humanidade, escrava do egoismo. Vou apresentar ao publico este medico-negociante, dizendo apenas a reálidade duma vida vivida, não me servindo, nem do mais leve comentario, do auxilio da minha debil imaginação para beneficiar o ambiente. Vou estampa-lo na mais pura nudez da verdade, pedindo desde já mil desculpas ao leitor pelo incomodo que lhe possa causar ao destampar-lhe as pustulas asquerosas. Não é por prazer, antes pelo contrario; é para fazer justiça. E para isso é indespensavel dizer-se a verdade e repudiar-se por completo a mentira em qualquer das suas variadas *toilettes*.

* * *

O sr. dr. Anibal Cardoso de Freitas é medico que percorre todo o concelho em garboso trote inglez, fazendo a clinica de seu pae nas horas dum propositado descanso, e habil negociante laureado pela *escola comunista* e os famigerados Castros-Leões. Tem a vantagem de não satisfazer a clientela que,anciosa, espera a vinda do velho, e faz honra ao seu talentoso mestre nos intrincados problemas mercantis. Baixo e gordo, tem espaçosa barriga, grande cabeça e pouco miolo. Em compensação tem alma grande aonde armazena muito barril de odio e veneno com que conta destruir os seus amigos e adversarios na luta pela vida vegetativa. E' muito senhor do seu nariz, olhando sobranceiro para o cavador que passa. Os argumentos e a logica não o molestam nem sequer o impressionam, e o raciocinio é coisa despresivel que não vale um punhado de palha do seu substancial patrimonio de importações e exportações. E' nédio e luzidio e num sorriso de material contentamento deixa cair a beiça por onde se escoa um grosso fio de... goso. Tem pilheria que faz rir de dó quem pésa as miserias sociaes, mas que escangalha de gargalhadas estrondosas os seus leaes admiradores, que na intimidade lhe chamam o Chistoso ou Xistoso Anibal. Não ha ninguem cá no burgo que desconheça os seus predicados que a familia, no seu mutismo e modestia, se esforça para não serem alardeados. Quando dá a sua palavra de honra só a não cumpre quando falta, o que é muito vulgar e na grande roda em que vive e com quem convive na mais feliz e santa paz do Senhor. De que quilate é a nobreza da sua sentimentalidade, basta saber a triste figura que este presunçoso fez ha poucos dias no tribunal desta comarca aonde, inebriado pelo odio, jurou falso, mirando-se de alegria nas pupilas dilatadas do seu colega Pinho Rocha.

Eu conto por vir a proposito.

* * *

Numa assembleia geral da Cooperativa de Oliveira de Azemeis em que iam ser vivisecadas as falcatruas dos Castros-Leões, o sr. dr. Pinho Rocha, então exercendo o logar de administrador deste concelho, ao sinal dado por estes falcatrueiros que em fuga precipitada abandonaram a reunião para não assistir ao ultimo gotejar da sua miseria, avançou para o palco, proibiu a continuação da assembleia e, para melhor conseguir os seus fins, amedrontando uns e agradando aos seus senhores e protectores. deu-me voz de prisão, como tinha sido dileniado e ensaiado no ultimo encontro dos Leões. Como este acto é um crime de abuso de autoridade, pois o administrador do concelho nada tem que ver com as assembleias das cooperativas em assuntos intestinaes ventilados em recinto fechado, participei do ocorrido ao Doutor Delegado da Comarca, não me lembrando dos inconvenientes da intimidade merital. Correu o processo como Deus foi servido e o Diabo ordenou, intervindo o arguido extemporaneamente com as suas declarações e fazendo-se, como era desejo da sucia, a prova contraditoria. Vão a depor varias testemunhas que, á excepção duma, são meus figadaes inimigos e quasi todos com interesse, directo ou indirecto, na causa, pois são socios da Mercantil, sociedade receptadora dos desvios da Cooperativa, ou eram membros dos corpos gerentes e mesa da assembleia geral da Cooperativa na epoca em que foi assaltada pelos Castros-Leões, a quem, alem de elogios ao seu procedimento, quizeram dar um premio de escudos. Era o elogio mutuo para uma partilha de compadres. As testemunhas que já depozeram, e entre elas está o pae do sr. dr. Anibal Freitas, juraram todas falso, mas destacando-se o nosso fotografado e exposto.

Este medico-negociante declarou no seu depoimento que eu, num camarote fronteiro ao seu, assisti a essa assembleia geral, tomando parte acalorada e mostrando grande excitação. E, num carregar de sobrancelha, acrescenta que, fitando bem o camarote em que me encontrava, viu que duma garrafa que lhe parecia vinho tinto, dizendo para um seu companheiro e amigo que eu estava a excitar-me propositadamente para fazer banzé. Isto é o que ha de mais falso como o afirmam testemunhas presenciaes. A vilania do seu caracter, esquentada por um cerebro ainda menos de tacanho, esguichou, julgando-se em terreno conquistado e isento de penalidades, todo o veneno que póde nessa meia hora de perjurio ou juramento falso.

No camarote, durante a assembleia, bebi, pela propria garrafa, Aguas das Pedras Salgadas compradas na Cooperativa, que, como toda a gente sabe, nunca tiveram côr escura, nunca se confundiram com o vinho tinto. Não bebi por um copo, porque não o tinha nessa ocasião O sr. dr. Anibal Freitas mentiu, faltando á sua palavra de honra com que afiançou o seu juramento; mentiu cavilosamente para lançar sobre mim o labeu de bebado, esperançado na perda da minha clientela. Neste ponto é devéras caluniosa a mentira, sempre ensopada em odio.

* *

Gosto de vinho e bebo. E só não bebe esse precioso nectar quem não gosta ou quem não o deve beber por motivo de doença. Aqueles quantas lagrimas de tristesa terão derramado, amaldiçoando essa esquisitice ou anomalia de gosto! Estes quantas vezes escondidos num armario ou mergulhados na escuridão duma adêga matam saudades, *perdoando o mal que lhes faz pelo bem que lhes sabe!*

Bebo vinho porque tenho necessidade de activar as minhas funções cerebraes e inervar os musculos e a vontade para o trabalho e para os entraves da velhacaria. Se o Xistoso Anibal (desculpem a ousadia) não fosse um ignorante bem devia saber que o vinho é um tonico, um alimento e *o sangue dos velhos*. E eu trabalho e penso e já caminho na velhice. O sr. dr. Anibal não compreende o que é pensar porque não tem raciocinio,nem o que é trabalhar porque a vida de rapaz continua a ser de parasita. O sr. dr. Anibal, ao fazer o seu juramento, reprodução de atarado estudo e exercicio, quiz apenas, porque lhe tinham dito que era ocasião propicia para me morder sem responsabilidade, difamar-me; mas não conseguiu essa delirante satisfação. A navalha com que tentou esfaquear-me, voltou-se contra si, abrindo-lhe o bestunto.

Se ser bebado é beber vinho,todos nós o somos; mas, se ser bebado é beber até cair e perder o conhecimento, ficar em turpor, nem todos o são. Nunca foi preciso alguem levar-me a casa, amparar-me para encobrir o zig-zaguear nas ruas, nem nunca fiquei em turpor ou côma alcoolico. Tenho assistido a jantares e pandegas e jamais caí debaixo da mesa, nem me estenderam numa cama do hotel para, dormindo, cortir a bebedeira e poder seguir para casa. Não; nunca, nunca me aconteceu. E o sr. dr. Anibal Freitas por varias vezes ficou a dormir no hotel a corti-la, e outras foi arrastado, depois de se ter estatelado, para casa sem conhecer o seu estado mental.

Eu bebo vinho sem me importar que me vejam; o sr. dr. Anibal esconde-se muitas vezes para o beber. Eu não me importo porque sei que não me embebedo, que não perco a razão e que não me faltam as pernas. Vou para casa só,sem cantar as *Cartolinhas*. O Xistoso Anibal esconde-se porque não tem confiança em si, não podendo dominar os seus naturaes desejos, o que é proprio do homem viciado.

E eu,caro leitor, é que sou bebado! O sr. Freitas não tem essa pécha, esse defeito.

Quando bebo sei perfeitamente o que bebo, porque não perdi um instante a noção do gosto, do olfato e das côres. O sr. Freitas, quando vê alguem beber, afigura-se-lhe que é vinho. Porque será?

E' que de tanto beber ficou com as retinas pintadas de vinho tinto, com a pituitaria sobrecarreda com as particulares olfactivos do Bacho e com a lingua encharcada no escuro sumo da uva. E por acção excitativa de associação de ideias visuaes, todas as vezes que alguem beba a distancia de por ele ser visto, imediatamente a retina, a pituitaria e a lingua convencem-se de que é vinho tinto.

Mas sou eu o bebado!

O sr. dr. Anibal Freitas nunca se embebedou, nunca mentiu, nunca jurou falso. E' uma explendida vergontea da sua familia.

Lopes d'Oliveira
Medico

Escola Primaria Superior de Aveiro

Tendo sido autorisados exames de admissão a esta Escola, devem os candidatos apresentar na secretaria, de 15 a 30 do corrente, o requerimento acompanhado dos documentos legaes, demonstrando que têm pelo menos 11 anos completos ou a completar até dezembro.

Os exames versam sobre os programas da 4.ª classe do ensino primario geral.

O Democrata vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.